

QUEM ESTUDA DEMAIS ENLOUQUECE? DUAS PALAVRAS SOBRE AS EVOLUÇÕES INTELECTUAL E MORAL

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 29 de setembro de 2024

Existe uma ideia, amplamente disseminada (sabedoria popular?), de que ler ou estudar em demasia resulta em enlouquecimento. Essa “conversa”, usada por muitos para “pegar leve” nos estudos, parece presente em várias culturas humanas significativamente distantes no tempo e no espaço.

Nas minhas modestas leituras, bem distantes daquelas que poderiam ser qualificadas como enlouquecedoras, encontrei dois registros explícitos da possibilidade de o leitor ou estudante perder as faculdades mentais por excesso de atividades intelectuais.

A primeira referência estava na seguinte passagem de Machado de Assis, na singular obra “O Alienista”: “Olhe, D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo”.

A segunda menção estava no seguinte trecho do conto “A Cafeteria de Surat”, de Liev Tolstói: “Ele tinha pensado, lido e escrito tanto sobre Deus que acabou perdendo o juízo e ficando confuso ...”.

Essa “convicção”, apesar de exagerada, possui um fundo de verdade, como boa parte dos mitos. O que está em questão é a rejeição dos excessos em todos os campos da vida. Afinal, o exagero consome tempo e energia que poderiam ser distribuídos de forma mais equilibrada em inúmeras outras férteis atividades humanas.



Até mesmo água em excesso pode ser prejudicial (e muito). No texto “ÁGUA EM EXCESSO PODE MATAR. E OS OUTROS EXCESSOS?”, escrevi o seguinte: “Conclui-se, portanto, que mesmo a água em excesso pode matar. Em outras palavras, algo aparentemente inofensivo, dependendo da quantidade consumida, pode levar ao evento extremo, com ocorrência de morte. O mesmo pode ser dito em relação aos exercícios físicos extremos”.

Nessa linha, é preciso destacar que o crescimento, progresso ou evolução intelectual não pode ser um caminho isolado ou exclusivo. A inteligência e a cultura devem ser informadas por relevantes valores morais. É exatamente por conta dessa percepção que o conhecimento se converte em sabedoria quando utilizado para a realização de fins nobres.

Com efeito, o acúmulo de conhecimento por simples acúmulo é desprovido de sentido e de utilidade prática. Por outro lado, o conhecimento pode ser desenvolvido ou aperfeiçoado para os fins mais reprováveis. As armas cada vez mais sofisticadas, e os gastos estratosféricos com esses artefatos de morte, dor e sofrimento, exemplificam como o conhecimento pode ser profundamente deletério.

A chamada doutrina espírita, consolidada por Allan Kardec no século XIX, destaca, como uma de suas premissas centrais, a dupla dimensão da evolução espiritual, objetivo maior da existência.

Afirmou Kardec, logo depois da resposta à questão 785 (em “O Livro dos Espíritos”): “Há duas espécies de progresso que se apoiam mutuamente, não obstante não caminharem juntos: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro recebe em nosso século todos os estímulos desejáveis, atingindo um grau desconhecido até os nossos dias. É necessário que o segundo esteja no mesmo nível”.

No item 8 do Capítulo III da obra “O Céu e o Inferno”, Kardec registrou: “A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e



intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si”.

A perfeição, destino final de todos os espíritos criados, pressupõe o alcance dos maiores patamares de evolução intelectual e moral. Observe a referida pergunta 785 e sua resposta: “Qual o maior obstáculo ao progresso? O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porque o intelectual avança sempre. Este último parece, num primeiro momento, dobrar a intensidade do egoísmo e do orgulho, desenvolvendo a ambição e o amor pelas riquezas que, a seu turno, estimulam o homem às pesquisas que esclarecem o Espírito. É assim que tudo se relaciona no mundo moral como no mundo físico e que do próprio mal pode resultar o bem. Mas esse estado de coisas deve durar apenas um tempo; modificar-se-á à medida que o homem compreender melhor que, além do gozo dos bens terrenos, há uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais durável”.

